

Max Scheler e a reabilitação da virtude no seio de seu "A reviravolta dos valores"

Max Scheler and the rehabilitation of virtue within his "The Turnaround of Values"

ROSELE FÜHR¹

Resumo: O presente trabalho oferece uma apropriação interpretativa do primeiro capítulo do livro "Da Reviravolta dos Valores", intitulado "Para a reabilitação da virtude" do filósofo alemão Max F. Scheler (1874-1928). O texto escrito durante os anos da primeira grande guerra, busca resgatar o conceito de virtude através da história, em especial a Grécia antiga e a Idade Média, comparando-o com o que se compreendia por virtude a época em que foi escrito. O texto mantém-se atual até os nossos dias, pois, como nos diz em seu prólogo, o intuito do filósofo era auxiliar a juventude alemã a se libertar do ressentimento, tal objetivo nos parece válido, não apenas para a juventude alemã da época, como também, para todos nós no tempo presente, pois, segundo o autor, na nossa era de empreendedores, a palavra virtude tornou-se algo próximo de uma habilidade de ganho, o que faz com que os virtuosos da atualidade metamorfoseassem-na em algo penoso e quase vergonhoso, o que é lastimável, em especial se comparado aos tempos passados, onde a virtude se encontrava entre as mais graciosas e elevadas das qualidades humanas. Assim, o problema que nos promove neste texto é buscar compreender como a virtude caiu em desuso ao ponto de se fazer necessária uma reabilitação e uma recuperação do termo por parte do autor. Na atualidade passamos a crer que a virtude possa ser atingida a partir do hábito do dever, no entanto, nada pode ser mais contrário a própria virtude do que o hábito. Antes, quando a virtude ainda não havia se transformado neste enfeite extravagante e feio, ela era uma qualidade da pessoa mesma. Agora, ao contrário, tornou-se uma habilidade ou capacidade para algo, uma qualidade que a pessoa pode desenvolver ou adquirir. Antes a virtude não servia para as lidas diárias ou para o desfrute de outrem, visto que seu valor ia muito além do que pode ser doado ou aprendido, sendo uma espécie de luz interior que emanava, tão encantadora quanto a beleza. Não era uma palavra vazia que se degradava como o efeito de uma vontade em consonância com o dever. A virtude não era vista como algo inato, mas apontava para uma consciência individual e pessoal do bem, dessa forma o dever se torna um substituto para a ausência de virtude. Por este motivo que o nosso objetivo é buscar compreender como Scheler, no início do século XX, em que a decadência da civilização havia se estabelecido através do período de guerra, em especial na Alemanha, onde os valores humanos passavam por uma crise, pensa a questão da virtude. Buscamos, assim, reconstruir o pensamento do autor, de modo a enfatizar essa transição pela qual a virtude passou e como Scheler pensa tal questão.

Palavras-Chave: Scheler. Valores. Virtude.

Abstract: The present work offers an interpretative appropriation of the first chapter of the book "On the Turnaround of Values", entitled "Towards the rehabilitation of virtue" by the German philosopher Max F. Scheler (1874-1928). The text written during the years of the first world war, seeks to rescue the concept of virtue through history, especially ancient Greece and the Middle Ages, comparing it with what was understood by virtue at the time in which it was written. The text remains current to this day, because, as he tells

¹ Graduada em Ciências Sociais e Filosofia. Docente junto à rede pública do ensino médio. E-mail: rosele79@hotmail.com

us in his prologue, the philosopher's intention was to help German youth free themselves from resentment, this objective seems valid to us, not only for German youth at the time, but also, for all of us in the present time, because, according to the author, in our era of entrepreneurs, the word virtue has become something close to an earning ability, which makes today's virtuous people metamorphose it into something painful and almost shameful, which is regrettable, especially when compared to past times, where virtue was among the most graceful and elevated of human qualities. Thus, the problem that arises in this text is to seek to understand how virtue has fallen into disuse to the point that a rehabilitation and recovery of the term by the author is necessary. Nowadays we have come to believe that virtue can be achieved through the habit of duty, however, nothing can be more contrary to virtue itself than habit. Before, when virtue had not yet transformed into this extravagant and ugly decoration, it was a quality of the person himself. Now, on the contrary, it has become a skill or capacity for something, a quality that a person can develop or acquire. Previously, virtue was not useful for daily tasks or for the enjoyment of others, since its value went far beyond what could be given or learned, being a kind of inner light that emanated, as enchanting as beauty. It was not an empty word that degraded itself as the effect of a will in accordance with duty. Virtue was not seen as something innate, but pointed to an individual and personal awareness of good, in this way duty becomes a substitute for the absence of virtue. For this reason, our objective is to seek to understand how Scheler, at the beginning of the 20th century, in which the decline of civilization had been established through the period of war, especially in Germany, where human values were going through a crisis, thinks about question of virtue. We seek, therefore, to reconstruct the author's thought, in order to emphasize this transition that virtue went through and how Scheler thinks about this issue.

Keywords: Scheler. Values. Virtue.

Introdução

Neste trabalho pretendemos oferecer uma apropriação interpretativa do primeiro capítulo do livro *Da Reviravolta dos Valores*, intitulado "Para a reabilitação da virtude" do filósofo alemão Max F. Scheler (1874-1928). O texto escrito durante os anos da primeira grande guerra, busca resgatar o conceito de virtude através da história, em especial a Grécia antiga e a Idade Média, comparando-o com o que se compreendia por virtude a época em que foi escrito.

O texto mantém-se atual até os nossos dias, pois, como nos diz em seu prólogo, o intuito do filósofo era auxiliar a juventude alemã a se libertar do ressentimento, tal objetivo nos parece válido, não apenas para a juventude alemã da época, como também, para todos nós no tempo presente, pois, segundo o autor, na nossa era de empreendedores, a palavra virtude tornou-se algo próximo de uma habilidade de ganho, o que faz com que os virtuosos da atualidade metamorfoseassem-na em algo penoso e quase vergonhoso, o que é lastimável,

em especial se comparado aos tempos passados, onde a virtude se encontrava entre as mais graciosas e elevadas das qualidades humanas.

Assim, o problema que nos promove neste texto é buscar compreender como a virtude caiu em desuso ao ponto de se fazer necessária uma reabilitação e uma recuperação do termo por parte do autor.

Na atualidade passamos a crer que a virtude possa ser atingida a partir do hábito do dever, no entanto, nada pode ser mais contrário a própria virtude do que o hábito. Antes, quando a virtude ainda não havia se transformado neste enfeite extravagante e feio, ela era uma qualidade da pessoa mesma. Agora, ao contrário, tornou-se uma habilidade ou capacidade para algo, uma qualidade que a pessoa pode desenvolver ou adquirir. Antes a virtude não servia para as lidas diárias ou para o desfrute de outrem, visto que seu valor ia muito além do que pode ser doado ou aprendido, sendo uma espécie de luz interior que emanava, tão encantadora quanto a beleza. Não era uma palavra vazia que se degradava como o efeito de uma vontade em consonância com o dever. A virtude não era vista como algo inato, mas apontava para uma consciência individual e pessoal do bem, dessa forma o dever se torna um substituto para a ausência de virtude.

Por tais motivos que o nosso objetivo com o presente trabalho é buscar compreender como Scheler, no início do século XX, em que a decadência da civilização havia se estabelecido devido ao período de guerra, em especial na Alemanha, onde os valores humanos passavam por uma crise, pensa a questão da virtude. Buscamos, assim, reconstruir o pensamento do autor, de modo a enfatizar essa transição pela qual a virtude passou e como Scheler pensa tal questão.

No entanto, antes de entrarmos no tema a que nos propomos, cabe uma apresentação do autor em questão.

Max Ferdinand Scheler: um perfil

Nos atemos a um pensador específico, Max Ferdinand Scheler (1874-1928), e a uma obra específica deste mesmo autor, *Da Reviravolta dos Valores*.

Scheler foi um filósofo alemão adepto da fenomenologia, que legou as gerações subsequentes não apenas grande influência, mas também, uma obra rica

e variada, na qual encontramos importantes contribuições e inovações do pensamento filosófico. No entanto, ao contrário de alguns de seus colegas de época e profissão, atualmente Max Scheler é pouco conhecido, mesmo no meio acadêmico. Há algumas especulações dos motivos que o levaram a isto, desde seu estilo um tanto desordenado quanto ao próprio período histórico em que vive. O fato é que após o fim da segunda grande guerra a obra scheleriana passou a ser cada vez menos pesquisada.

A sua escrita reflete sua personalidade turbulenta e o levou a buscar continuamente o sentido oculto das coisas e das ações humanas. Diz-se que Scheler filosofava do acordar a hora de dormir, não apenas na faculdade, mas em qualquer lugar que fosse, a todo e qualquer momento, tendo, portanto, uma mente inquieta, e seus trabalhos retratam esta inquietação. Porém, esta efervescência de ideias, era um retrato fiel de sua época, em que não apenas a Alemanha, mas o planeta passava por grandes transformações, tanto nas ideias quanto nos acontecimentos, o que faz de Scheler, um homem de seu tempo.

O seu pensamento sobre o conhecimento e o papel da ciência começava a chamar a atenção em um mundo em guerras físicas e ideológicas. Por este motivo inspirou, entre outros, dois homens de grande influência política e eclesiástica no século XX: Conrad Adenauer e Karol Wojtyła, sendo que o futuro papa João Paulo II utilizaria a ética scheleriana como o tema de sua tese acadêmica.

Por ocasião de sua morte precoce, Scheler nos legou uma extensa obra, em grande parte inacabada e em forma de anotações esparsas, rica dos pensamentos que o caracterizaram como o filósofo inquieto que era. Sua última esposa, Maria Scheler, detentora dos direitos autorais, organizou-os em uma obra póstuma intitulada *Escritos do espólio*, publicada em 1929.

Não nos delongaremos em uma apresentação que fornece uma série de datas e fatos, mesmo porque, isso pouco faz para apresentar de fato um filósofo, entretanto, como consideramos o esforço válido, ao menos em termos de situar o referido pensador em um contexto histórico, é necessário dizer, ao menos, que Scheler nasceu em 1874, em Munique - Alemanha, e faleceu, precocemente, aos 54 anos de idade, em 1928. Que durante os anos em que o mundo passava pela crise da primeira guerra mundial, nosso filósofo passava por uma crise pessoal,

mais ou menos durante o mesmo período, entre 1910 e 1916, crise esta que levou ao fim do seu primeiro casamento bem como da retirada da vênua docenti, perdendo seu cargo de professor na Universidade Católica da Baviera.

Todavia, foi também durante este período que Scheler escreveu os artigos que mais tarde comporiam seu *Da Reviravolta dos Valores*, obra abordada nessa comunicação. Portanto, foi em meio ao caos na vida pessoal e a crise da guerra, que nosso autor se pôs a pensar sobre o conceito de virtude, e buscar, com isto, uma reabilitação para a mesma, no intuito de, segundo o próprio Scheler, livrar a juventude alemã do ressentimento.

Em Scheler a vida e a filosofia se misturavam e se confundiam e seu pensamento foi condicionado pelos movimentos de sua época, como o movimento fenomenológico de Edmund Husserl (1859-1938), e, apesar do pensamento de Scheler abordar os temas de sua época, isso não fez com que perdesse o alcance universal ou o contexto histórico das reflexões filosóficas.

Segundo Silveira da Costa: “A originalidade de suas ideias lhe garantiu o mesmo reconhecimento que Heidegger, Sartre, Jaspers e outros destacados representantes do pensamento alcançaram na filosofia contemporânea.” (COSTA, 1996, p. 12)

O interesse de Scheler estava sempre voltado para a própria realidade e os problemas de seu tempo, estando sensível as preocupações de sua época, Scheler soube repensá-las de forma inovadora dando-lhes um enfoque original sem perder a abordagem clássica da filosofia.

A virtude

A partir de agora, abordaremos a questão da virtude e acompanharemos o caminho que nosso autor desenvolveu ao analisar esta palavra-conceito e propor sua reabilitação, pois, segundo Max Scheler, a virtude teve seu valor substituído pelo desenvolvimento técnico, científico e pela ascensão da burguesia, como podemos ver nessa passagem da obra *Da reviravolta dos valores*:

Hoje fala-se da virtude, como se ela não tivesse significado algum para os virtuosos mesmos, perdurando apenas para o grupo daqueles que, com esta palavra-conceito, fazem um cálculo aproximado, rápido e deduzido; como se esta palavra-conceito, a

qual este grupo concede ou nega a virtude, fosse se comportar pronta e completamente contra si mesmo, seguindo toda a probabilidade. A virtude, que a inda não tinha se tornado a virtude feia, era uma qualidade da pessoa mesma, em diferença frente a habilidades e capacidades – que sempre são capacidades e habilidades “para algo”, isto é, para alguma realização já definida. Ela não se apresentava “para” servir as lidas e obras predeterminadas, menos ainda para o usufruir dos outros, senão apenas para ser uma livre joia de seu portador, mais ou menos como a pena sobre o chapéu. (SCHELER, 2021, p. 22-23)

Na passagem é possível observar que o autor constata o esvaziamento do significado da palavra-conceito virtude, que acaba sendo instrumentalizada passando a fazer parte de uma espécie de cálculo utilitarista e pragmático, segundo Scheler, isso se deu devido ao fato de a humanidade ter assumido como referências axiológicas o trabalho e o indivíduo, e, a partir disso, desenvolvido as condições exigidas pelo modelo capitalista para o desenvolvimento tecnológico e científico. Nesse processo os valores do cuidado foram sendo substituídos por valores da utilidade, cuja bússola norteadora é o lucro e a eficiência.

A citação destaca a virtude como uma qualidade humana e, ao mesmo tempo, a diferencia das habilidades, pois, se a virtude é fruto espontâneo do caráter do homem ela não pode ser o resultado de técnicas ou habilidades, pois não pode ser desenvolvida. É por isso que para nosso autor desde o século XVIII, a palavra virtude vem se tornando motivo de riso, e, em nossa era capitalista, está sendo substituída por habilidade, o que torna os virtuosos homens feios e desligados da humanidade. Dessa forma, na atualidade, a virtude é tida como algo feio, penoso e que deve ser mantida escondida. Como se deu tal decadência? Sobre isso José Silveira da Costa nos diz:

Para o ethos burguês, o topo da hierarquia ética deve ser ocupado pelas virtudes profissionais como a prudência, a dedicação ao trabalho, a poupança e a fidelidade aos contratos, que garantem o êxito nos negócios. As virtudes nobres, expressão da vitalidade sadia, como a coragem, a ousadia, a disposição para o sacrifício, a alegria do risco e o espírito cavalheiresco ficam relegadas a um segundo plano. O resultado é a realidade absurda das grandes cidades modernas, cheias de coisas brilhantes, alegres e atraentes, mas contempladas por pessoas profundamente tristes. É o paradoxo a que conduz esse utilitarismo inútil graças ao qual se acumula um enorme capital cuja finalidade é totalmente

distorcida pela subordinação do agradável ao útil, o que equivale subordinar o fim aos meios. (COSTA, 1996, p. 68)

Segundo Silveira da Costa, é o *ethos* burguês, ou seja, a própria ética burguesa, que deturpa a virtude, vinculando-a ao mundo dos negócios de modo utilitarista, assim, a virtude passa a ser uma espécie de técnica a partir da qual podemos tirar maior ou menor proveito tendo em vista o sucesso dos empreendimentos.

Para Scheler o burguês representa um típico homem moderno e é também a representação do espírito capitalista, ele não é apenas uma classe social, mas antes uma atitude em relação a vida e o mundo, onde este sofre uma angústia incessante por uma necessidade de segurança, normalidade e regularidade, o que leva a desconfiança de tudo que está relacionado aos instintos e o induz a medir os próprios valores baseados na comparação com os outros.

No entanto, em tempos passados, como o auge da Idade Média ou a Grécia Antiga, a virtude estava entre as mais elevadas das essências humanas, comparavam-na a uma pedra preciosa e se compraziam com o brilho que a virtude concedia àqueles por ela agraciados. A auréola nas imagens dos santos é um exemplo deste brilho, e representa uma ideia de bondade e beleza que partem da própria alma, do próprio ser, não sendo, portanto, algo que possa ser doado.

Antes da virtude ter sua significação desviada, ela pertencia ao caráter do homem mesmo, não era definida como habilidade, mas sim como uma potência ou capacidade, seja das coisas, plantas ou animais ou do próprio homem. quando buscamos pela etimologia da palavra temos o original *virtus* que no latim podemos separar em prefixo ‘vir’ que significa varão estando, portanto, ligada aos homens, e o termo ‘tus’ que significa força. Na origem grega a palavra virtude estava associada a guerra e a coragem do guerreiro convicto de suas ações, sendo reconhecido por sua excelência, como nos explica Werner Jaeger na *Paideia – a formação do homem grego*, a virtude originalmente era *areté*, o homem virtuoso era o guerreiro que se arriscava pela defesa da família ou da cidade, nesse sentido o campo de batalha se tornava o palco onde essa *areté* se manifestava e a brutalidade da guerra era o troféu a ser exibido como indicativo de bravura e destreza, sobre isso nos diz Werner Jaeger:

[...]A luta e a vitória são, no conceito cavaleiresco, a autêntica prova de fogo da virtude humana. Elas não significam simplesmente a superação física do adversário, mas a comprovação da areté conquistada na rigorosa exercitação das qualidades naturais. A palavra *aristeia*, empregada mais tarde para os combates singulares dos grandes heróis épicos, corresponde plenamente a essa concepção. O esforço e a vida inteira desses heróis são uma luta incessante pela supremacia entre seus pares, uma corrida para alcançar o primeiro prêmio. (JAEGER, 2013, p. 21)

Como podemos ver, para o homem grego a virtude era posta à prova em busca de um ideal inspirado nos heróis épicos do passado, os homens buscavam o reconhecimento público por sua virtude, era importante receber o elogio de seus pares e inimigos. Porém, nem sempre a virtude esteve vinculada a guerra e a violência, principalmente em Atenas destacava-se a excelência intelectual e entre os gregos havia uma preocupação em relação ao equilíbrio entre a mente e o corpo na formação do homem grego.

Retomando o pensamento scheleriano sobre o tema, para o nosso autor, na atualidade, não vemos mais a virtude como uma consciência ou uma potência do agir, do homem mesmo, em outras palavras, para Scheler nós dissociamos a virtude da pessoa e do reconhecimento que esta recebia em comunidade, associando-a a coisas externas e não da pessoa em si, por isso que para nós a virtude se tornou algo desagradável, pois deixou de ser algo que surge espontaneamente de nosso ser.

Transformamos a virtude em algo mais próximo de uma habilidade, e, portanto, algo que pode ser aprendido, se forem respeitadas determinadas regras, através de uma repetição contínua. Se antes era a falta de virtude ou os vícios que tornavam algo dificultoso, agora, para nós, é a própria virtude que se tornou árdua, pois a vemos como algo com o que podemos nos habituar através da repetição contínua de certos passos específicos e de certas regras pré-estabelecidas.

Para Scheler, hoje nos referimos a virtude como se esta não tivesse nenhum significado para os virtuosos mesmos, sendo antes uma medida através da qual, o grupo que dela se apropria, faz o cálculo para definir o que é ou não é virtuoso,

estabelecendo as possibilidades através das quais a palavra-conceito virtude se comporta.

Porém, antes da virtude ser transformada nesta coisa feia, ela era uma qualidade da pessoa mesma, não uma habilidade ou capacidade, que sempre são relativos a algo, como por exemplo a habilidade para escrever ou a capacidade para esculpir o mármore, ou seja, estão ligados a uma realização definida, como nos diz Scheler nesta passagem:

[...] Por isso a virtude se tornou para nós tão intragável, antes de tudo, porque nós não mais a compreendemos como uma consciência de poder e potência (Koennens – und Machtbewusstsein), continuamente viva e bem aventurada, para um agir e a vontade de um em si mesmo, ao mesmo tempo em que compreendemos regras e bens tão somente para a nossa individualidade; por não mais a compreendermos como uma consciência de potência, que brota livremente de nosso próprio ser, senão meramente enquanto uma disposição e adjunção obscuras e inviviáveis para a vida a partir de quaisquer regras preestabelecidas. E ela se tornou tão sem brilho, porque não apenas a sua aquisição, como também ela mesma, valem para nós como dificuldade. Portanto só a falta de virtude ou vício tornam o bem árduo e difícil, mas a possessão da virtude empresta a toda boa lida a manifestação livremente esvoaçante de um pássaro gracioso. Ela se transformou nisso, porque nós a tomamos por algo que se pode habituar, por meio da efetivação contínua de nosso dever, enquanto ela é, no entanto, a mais extrema antípoda de todo o hábito. (SCHELER. 2021, p. 22).

119

Portanto, como é possível observar, para nosso filósofo, a virtude não era algo que pudesse ser aprendido ou tomado, não servia aos trabalhos e não era passível de compensação. A virtude era mais como uma luz interior, que emanava sobre os atos, sobre as lidas, diminuindo-lhes o fardo, e não sendo um fardo em si mesma, como a burguesia tenta transformá-la.

Seu valor era superior a algo que pudesse ser adquirido, valia mais, até mesmo, do que da misericórdia, em cuja livre doação a virtude transparece de modo exuberante e festivo. Seu valor está além da vontade, não podendo ser alcançada pelo querer, dessa forma, para o autor, a virtude era algo impossível de ser alcançado mesmo que para isso se fizesse um grande esforço. Portanto, assim como a sorte, em tempos idos, a virtude era vista como algo precioso, mas que não poderia ser tomado a força, emprestado de outro, adquirido pelo tempo ou

aprendido pelo hábito, sendo indiferente aos nossos esforços. Em qualquer destas tentativas ela se esconderia. como Scheler deixa claro nesta passagem:

Diante daqueles que a perseguem ofegantemente, a virtude se esconde de modo ainda mais ligeiro e flexível como a sua irmã mais comum: a sorte.

Quando os gregos acharam a virtude tão encantadora, a ponto de a estenderem em unidade com a irresponsável beleza [...] o que estava implícito nesta atitude era que não degradavam a virtude como os filósofos da burguesia moderna, como por exemplo Kant. Nestes, a virtude se torna um mero efeito da vontade em consonância para com o dever, como se essa vontade jamais pudesse enobrecer os homens com virtude. (SCHELER. 2021, p. 23).

A virtude, segundo nosso filósofo nos diz, era algo da pessoa mesma, como um brilho que emanava da própria alma, uma dádiva divina, emprestando ao seu portador um resplender que transparecia em seus atos.

Os gregos se encantaram com a virtude, e a ligaram com a beleza em palavras como “bem-feito” e “nobre beleza”. Os filósofos modernos diminuem o valor da virtude quando a definem como um efeito da vontade em consonância com o dever, como é o caso de Kant, por exemplo. Para os gregos a virtude nunca foi uma palavra vazia, pois ela era o que determinava a expansão da responsabilidade sobre os trabalhos, sendo que impelia a uma responsabilidade cada vez maior. Isto foi tão importante ao ponto de que a falta de responsabilidade fosse considerada como uma falta de virtude. No entanto isso não quer dizer que a virtude seja uma disposição inata.

Scheler nos diz ainda que: “A virtude, ao contrário, aponta para uma consciência viva de potência para o bem, totalmente individual e pessoal.” (SCHELER. 2021, p. 24) ou seja, a virtude é uma potência para o bem, e como potência, ela é melhor do que aquilo para o que ela é potência, valendo mais do que a soma dos esforços para a realização deste bem particular, é o crescimento da virtude que diminui o esforço, tornando a ação virtuosa, ou, como nas palavras do próprio Scheler: “O bem se torna belo, no que se torna leve. A assim chamada lei ética e o dever, ao contrário, são apenas substitutos impessoais para virtudes ausentes. Deveres são transferíveis, virtudes não.” (SCHELER. 2021, p. 24) Como podemos observar, o filósofo nos deixa claro que a virtude não pode ser

transferida ou adquirida, este é o papel do dever, o dever se apresenta quando falta a virtude, como um substituto empobrecido, se, por um lado, a virtude traz leveza, o dever traz peso.

Para Scheler, nós precisamos abandonar os preceitos do século XVIII, que transformaram a virtude em uma “velha senhora” sentada em um pedestal, ditando regras, para só assim podermos idolatrá-la. Precisamos resgatar o valor histórico-cultural da virtude, para reabilitá-la ao que era, algo digno, e não apenas digno de risos.

Para Max Scheler é o espírito burguês que perverteu a virtude, nele o burguês não aparece como uma classe social, mas sim, como uma atitude perante a vida, Scheler destaca que para o burguês o caráter está ligado ao espírito capitalista, sobre isto nos esclarece Silveira da Costa na passagem a seguir:

Entre as tendências e disposições de espírito que definem o caráter do homem burguês, Max Scheler destaca os seguintes:
 Fanatismo pelo trabalho e pelo lucro;
 Vontade incontrolável de dominar a natureza para sujeitá-la a seus interesses;
 Subjetivismo nos julgamentos de valor;
 A utilidade como valor supremo na hierarquia axiológica;
 Ascetismo, que consiste em tirar o mínimo de fruição de um máximo de coisas uteis;
 Necessidade de segurança absoluta em todos os setores da existência;
 Desconfiança e hostilidade radical em relação ao próximo;
 Ausência de qualquer sentido de verdadeira solidariedade.
 (COSTA, 1996, p. 67)

121

Analisando a citação podemos observar que estes são os elementos que definem o homem burguês e, para Scheler, é uma definição que configura um quadro negativo. Suas críticas ao modo de ser constituem uma leitura moderna do que se tornou a virtude em nossos tempos. Assim, quando o filósofo critica o espírito da mentalidade burguesa, sua crítica não é em relação ao progresso tecnológico que o capitalismo é capaz de produzir, mas, antes, a inversão de valores causada pela ética burguesa, colocando os valores sensíveis e materiais acima dos valores do espírito, ou seja, para Scheler, a hierarquia axiológica esta invertida. Eis o motivo pelo qual ela necessita, segundo o nosso filósofo, de uma reabilitação.

Considerações finais

No presente trabalho apresentamos como a virtude sofreu uma dilapidação de seus valores originais, desde a Grécia antiga aos tempos modernos, e apresentamos a visão de como isso se deu, segundo o nosso filósofo.

Scheler nos diz que a virtude que era tida como uma joia da alma, sendo exaltada, admirada e desejada por todos. No entanto, perdeu seu brilho com a ascensão da ética burguesa, cujo espírito atende aos preceitos capitalistas e dão primazia ao lucro e a eficiência, valorando a utilidade acima do cuidado, a individualidade acima do senso comunitário e a segurança acima da coragem.

Estes são os motivos que levaram o filósofo a nos propor a reabilitação da virtude, esta palavra-conceito, para que, desta forma, ela possa, novamente, figurar como uma qualidade da humanidade, uma qualidade que eleva aqueles por ela agraciados, não como um feito extravagante, mas como uma auréola, cujo brilho parte da própria alma.

Referências

SCHELER, Max Ferdinand. *Da Reviravolta dos Valores: Ensaios e Artigos*. Tradução de Marco Antônio dos Santos Casa Nova. Petrópolis - RJ: Vozes, 2021.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

COSTA, José Silveira da. *Max Scheler: O Personalismo ético*. São Paulo: Moderna, 1996.

FIGUEIREDO, Rodrigo Lopez. A questão da virtude e o valor moral: uma breve análise da inversão dos valores historicamente constituídos segundo Max Scheler. In: *Diaphonía*, V.7,N.1, 2021. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/diaphoia/article/view/27141>.

JAEGER, Werner. *Paidéia: A formação do homem grego*. 6ª ed. Brasília: Martins fontes, 2013.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. *10 Lições sobre Scheler*. Petrópolis: Vozes, 2021.

MATHEUS, Carlos. *Max Scheler e a gênese axiológica do conhecimento*. Margem: São Paulo, Nº 16, p. 13-37, dez. 2002.

MEISTER, José Antônio Fracalossi. Amor X Conhecimento: Inter-relação Ético-conceitual em Max Scheler. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

FÜHR, R.

Submissão: 05. 04. 2024 / Aceite: 30. 04. 2024

123